



**UNILAB – UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

RENATA PINHEIRO DE FREITAS

**A IMPORTÂNCIA DE DISCUTIR AS QUESTÕES RACIAS NAS SÉRIES INICIAS
DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DA CIDADE DE SANTO AMARO - BAHIA**

São Francisco do Conde
2018

RENATA PINHEIRO DE FREITAS

**A IMPORTÂNCIA DE DISCUTIR AS QUESTÕES RACIAS NAS SÉRIES INICIAS
DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DA CIDADE DE SANTO AMARO - BAHIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades na Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira Campus do Malês Bania, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Humanidades.

Orientadora: Prof. Dr. Emanuel Alberto Cardoso Monteiro.

São Francisco do Conde

2018

RENATA PINHEIRO DE FREITAS

**A IMPORTÂNCIA DE DISCUTIR AS QUESTÕES RACIAS NAS SÉRIES INICIAS
DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DA CIDADE DE SANTO AMARO BAHIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades na Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira Campus do Malês Bania, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Humanidades.

Data de aprovação: 24/10/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Emanuel Alberto Cardoso Monteiro (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof. M.e Emanuel Gomes Correia

Docente convidado

Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Dedico este trabalho a minha filha que é o ser mais precioso da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus Por existir, e ter me dado a oportunidade de chegar até aqui, mesmo com tantas adversidades me mostrou que nada é impossível para realização de um sonho.

A minha filha que me fez vislumbrar um horizonte melhor.

A minha família e meu companheiro, por me ajudar a traçar os caminhos da chegada.

Ao professor e orientador, Dr. Emanuel, por aceitar esse grande desafio, que contribui significativamente para concretização de mais uma etapa em minha vida.

A todas as pessoas que me ajudaram nesta caminhada, muitas delas caminharam comigo e hoje posso e tenho o orgulho de chamá-los de amigos.

Aos meus colegas de classe pelo companheirismo.

A todos os professores, funcionários e colaboradores da UNILAB.

Enfim, agradeço principalmente a todos que sempre desacreditaram que um dia eu chegaria aonde estou, vocês foram muito importante para me fazer descobrir que meu limite é o céu.

A todos, que contribuíram de uma forma direta ou indiretamente nesta etapa da minha vida, deixo aqui os meus sinceros agradecimentos.

“Estudar as manifestações da natureza é trabalho que agrada a Deus. É o mesmo que rezar, que orar. Procurando conhecer as leis naturais, glorificando o primeiro inventor, o artista do Universo, se aprende a amá-lo, pois que um grande amor a Deus nasce de um grande saber”.

Leonardo da Vinci.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	08
1.1 OBJETIVOS	10
1.1.1 Objetivo geral	10
1.1.2 Objetivos específicos	10
1.2 JUSTIFICATIVA	10
2 FUNDAMETAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 A LUTA DO MOVIMENTO NEGRO E A LEI 10.639/2003	12
2.1.1 Educação Antirracismo e a Lei 10.639/2003	13
2.2 O RACISMO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA	16
2.3 RACISMO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRACISTAS	19
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS	21
4 ABERTURAS INCONCLUSAS	24
5 CRONOGRAMA	25
REFERÊNCIAS	26

1 APRESENTAÇÃO

Partindo do pressuposto da relevância da abordagem racial na Infância e a respeito das discussões que têm sido feitas em torno da constituição histórica da sociedade Brasileira e da importância do negro para nessa sociedade, existem pessoas e até mesmo crianças que apresentam comportamentos racistas. Logo, nasce a necessidade de discussões em torno do saber como trabalhar essas questões raciais na infância a fim de possibilitar a construção de atitudes não racistas entre os alunos das series iniciais?

A pesquisa tem como preocupação mostrar como é importante discutir as questões raciais na infância, para que essas crianças cresçam tendo consciência da importância do negro na sociedade, para que as mesmas aceitem sua cor da pele raça e respeite umas as outras, independente de raça, gênero, cor, religião.

Frequentemente as crianças são submetidas a intolerância e ao ódio no ambiente escolar, muitas vezes com atitudes racistas explícitas e que são considerados brincadeiras por partes de muitos educadores. Estes educadores devem estar preparados para ter um olhar que não é de naturalizar essas atitudes racistas e sim de contribuir para desmontá-las e provocar mudanças de atitudes nas crianças.

As series iniciais é a fase mais importante no histórico escolar, é nessa idade que as crianças aprendem a formar opiniões, a conhecer as histórias de um modo descobridor, onde tudo é novidade, e passa a reproduzir o que aprende em sala de aula no seu dia a dia.

Com a criação da lei 10.639/03, a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas começou-se a amenizar as atitudes discriminatórias, mas ainda está longe de ser resolvido. Neste mesmo sentido com os frequentes questionamentos sobre os conteúdos dos livros didáticos que muitas vezes ilustravam os negros de forma estereotipadas, como escravos que só servia par servidão, está dando passos significativos para acabar, mas ainda sofre resistência.

Um dos grandes desafios dos educadores é desconstruir atitudes racistas de algumas crianças que já vem de casa com alguns comportamentos racistas. Algumas crianças que já entram no ambiente escolar enxergando a partir de uma lente diminutiva, constitui um desafio para o professor de fazer com que a criança se

aceitar negra diante de várias imposições que a sociedade determina em relação ao que é ser um cidadão de bem. É importante identificar as formas de racismo presente no ambiente escolar, para que essas questões sejam debatidas todos os dias e essas crianças não cresçam adultos criminosos e saibam respeitar a saber lidar com as diferenças.

O racismo no ambiente escolar é disfarçado e muitos negam na prática que exista o racismo num ambiente que era para ser de proteção e construção de sentidos em prol da humanização.

A rainha do milho tem cabelo liso, as preferencias por alguma atividade em destaque tem a pele mais clara, e essas atitudes já chamam atenção de crianças que não se identificam com esses privilégios. Por outro lado, nas brincadeiras, o negro sempre ocupa as vagas de empregada doméstica, ladrão, jogador de futebol profissões que na maioria das vezes são exclusivamente ocupada pelos negros nas brincadeiras.

Quando falamos em escola, destacamos um ambiente para reproduzir valores e conhecimento. Onde as crianças estão em constante transformação. Pensando nisso a lei 10.639/03 traz grandes avanços para educação, com essa lei em vigor, foi possível trazer para sala de aula o outro lado da história, a herança da escravidão nos livros didáticos foi desconstruída, de tal forma que hoje o Negro é visto no ambiente escolar como uma herança de cultura, onde está presente nas músicas, danças, culinária, entre outros que destaca o negro no ambiente escolar como um ser que transforma em um ambiente de igualdade para todos.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

- Evidenciar como trabalhar as questões raciais na infância a fim de possibilitar a construção de atitudes não racistas entre os alunos das series iniciais, promovendo assim o respeito às diferenças.

1.1.1 objetivos específicos

- Identificar como os educadores combatem as situações cotidianas que envolve algum ato racista.
- Verificar se a lei 10.639/03 está incluída no planejamento pedagógico e qual a sua influência na determinação das concepções pedagógicas
- Compreender a relevância de trabalho das questões raciais no cotidiano de sala de aula para a construção de identidades dos alunos.
- Entender a influência nociva do racismo na distorção da identidade dos alunos negros.

1.2 JUSTIFICATIVA

O interesse de discorrer sobre esse tema surgiu através do convívio com crianças que apresentaram algum tipo de comportamento racista e começou a indagar a origem de tais comportamentos e como intervir como cidadã e futura profissional da educação para ajudar a sanar e mudar pensamentos de crianças que são educadas muitas vezes em ambientes em que atitudes racistas são naturalizadas.

A título de ilustração apresenta-se o seguinte fato: certo dia minha filha de 8 anos, relatou que uma coleguinha da escola não quis brincar com o colega porque ele era negro. Indaguei quem estava presente na hora, a mesma relatou que a professora presenciou a cena e não falou nada. Partindo desse depoimento, passou-se a indagar mais sobre o preconceito racial que permeia o cotidiano infantil e o impacto da influência desse comportamento na construção de identidades.

Com isso em tela, entende-se que é fundamental trabalhar a diversidade na infância, na medida em que é nesse período que começa a construção atitudes que valorizam as diferentes identidades. Se a criança não for preparada desde cedo, dificilmente irá saber como lidar com o preconceito, presente em seu meio e, tenderá a repetir os padrões de discriminação que aprendeu. A luta pela superação do racismo e da discriminação racial é tarefa de todo educador, independente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política (BRASIL, 2013)

O trabalho ganha relevância devido ao fato do Brasil ser um país que tem uma grande herança escravocrata e que muitas pessoas são submetidas a todo tempo à intolerância e ao ódio. Existe uma falta de preparo da família, profissionais

da educação para lidar com determinadas situações quando essas atitudes são praticadas por uma criança que ainda está no processo de formação da própria identidade, e já trata o negro com inferioridade.

Assim este trabalho terá como campo de pesquisa, escolas municipais da cidade de Santo Amaro/ Bahia. Levando em consideração que a escola é o primeiro contato que a criança tem com a sociedade e a diversidade, a relevância do estudo gira em torno da lei 10.639 de janeiro de 2003. As escolas têm obrigação de implantar essa lei que foi criada com intuito de trabalhar as questões étnicas raciais na educação. E proporcionar ações para combater qualquer tipo de preconceito no ambiente escolar.

Sabendo que as práticas voltadas as questões étnicas estão sempre ativas dentro dos ambientes acadêmicos, vislumbro que enquanto futuro, profissional da educação, o trabalho ganha relevância, na medida em que me permitirá ter um aporte teórico-prático, que me orientará na minha prática profissional e que me possibilitará dar orientações significativas no processo formativo dos educandos que entrar em contato, dentro e fora da sala de aula.

Além disso, o trabalho possibilitar elaboração de questionamentos relevantes que poderão auxiliar os professores pais e demais profissionais da educação do município de Santo Amaro no processo de elaboração de reflexos e proposições fecundas para atenuar as situações de discriminação e intolerância.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A LUTA DO MOVIMENTO NEGRO E A LEI 10.639/2003

O processo de elaboração e implementação da lei 10.639 que estabelece o ensino obrigatório de história e da cultura afro-brasileira nas escolas foi vista como uma vitória do movimento negro.

Aprovada em 9 de janeiro de 2003, a Lei 10.639/2003 faz alterações à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para implantar a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas públicas e privadas de Ensino Fundamental e Médio e estabelecer especificações pertinentes. (ALMEIDA; SANCHEZ, 2017, p. 57)

A Lei nº 10.639 entrou em vigor no dia 9 de Janeiro do ano de 2003, e tem como objetivo acrescentar os Artigos 26-A, 79-A e 79-B, na Lei pré-existente nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996. Neste acréscimo, temos o estabelecimento das diretrizes e bases nos princípios da educação para a inclusão obrigatória da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

Segundo Cury (2000, p.32)

Essa aprovação, fruto de longa história de lutas pelo reconhecimento e pela reparação das desigualdades entre populações brancas e negras no Brasil, é vista como marco do avanço no tratamento da questão do ponto de vista governamental e legal, já que declarar direitos é um recurso político-pedagógico que expressa um modo de conceber as relações sociais dentro de um país.

Com a valorização da cultura negra e/ou Africana, luta-se, ao mesmo tempo em que se reconhece a história, contra o racismo que ainda assola os estados nacionais. Exaltar a luta dos negros é assumir e se identificar ‘com’ e ‘na’ história, abraçando a necessidade de uma educação nacional que ensine de fato o conteúdo para que seja esta uma história viva dentro de todas as pessoas.

Para (HASENBALG, 1987 apud SANTOS 2005) Algumas das reivindicações que fortaleceram a implementação da lei foi:

- Contra a discriminação racial e a veiculação de ideias racistas nas escolas.
- Por melhores condições de acesso ao ensino à comunidade negra.

- Reformulação dos currículos escolares visando à valorização do papel do negro na História do Brasil e a introdução de matérias como História da África e línguas africanas.
- Pela participação dos negros na elaboração dos currículos em todos os níveis e órgãos escolares.

2.1.1 Educação Antirracismo e a Lei 10.639/2003

Essas reivindicações foram de suma importância para o processo de desconstrução de um ensino onde os negros eram vistos como escravos, durante muitos anos a cultura afrodescendente foi vista de forma estereotipada através de livros didáticos, aulas de história, sobre o Brasil-colônia e, várias matérias que ilustravam o período escravista mostrando inúmeras situações de subserviência ou desprestígio social, que era a única compreensão que se tinha dos afrodescendentes.

O reconhecimento da cultura africana vem como superação do racismo e do preconceito ainda muito presente em nossa sociedade, é a luta do Movimento Negro para o reconhecimento de injustiças e erros históricos cometidos ao longo dos anos contra a população afrodescendente, é a luta pela cidadania e da democracia para todos. E tem como grande vitória a implementação da Lei 10.639/03, que vem dar voz aos excluídos e valorizar uma cultura tão rica e formadora da identidade do povo africano e seus descendentes. (PRADO, 2005, p. 131)

Segundo Prado (2005, p.130) Nas escolas a discriminação é ensinada de forma inconsciente, a história dos negros nos livros didáticos apresenta apenas um passado escravocrata, sem cultura, sem costumes. Aprendemos sobre a subordinação do negro ao branco, o relacionamento senhor e escravo, a supremacia do branco como padrão de referência social e o negro como incivilizado. A Lei 10.639/03 propõe novas diretrizes acerca do currículo escolar para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana.

Sendo a escola um espaço de formação de cidadãos e construção de identidade, ela exerce um papel importante na efetivação desta lei. Buscando mudar as práticas escolares e implementando o currículo escolar de acordo com as indicações da lei. (PRADO, 2005, p.132)

Os professores devem ressaltar em sala de aula a cultura afro-brasileira como construção e formação de uma sociedade na qual os negros são considerados sujeitos históricos, valorizando, o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, onde o objetivo principal é destacar a cultura (música, culinária, dança) e as religiões de matrizes africanas.

Para que a escola consiga avançar na relação entre saberes escolares/ realidade social/diversidade étnico-cultural é preciso que os(as) educadores(as) compreendam que o processo educacional também é formado por dimensões como a ética, as diferentes identidades, a diversidade, a sexualidade, a cultura, as relações raciais, entre outras. E trabalhar com essas dimensões não significa transformá-las em conteúdos escolares ou temas transversais, mas ter a sensibilidade para perceber como esses processos constituintes da nossa formação humana se manifestam na nossa vida e no próprio cotidiano escolar. Dessa maneira, poderemos construir coletivamente novas formas de convivência e de respeito entre professores, alunos e comunidade. É preciso que a escola se conscientize cada vez mais de que ela existe para atender a sociedade na qual está inserida e não aos órgãos governamentais ou aos desejos dos educadores. (GOMES, 2005, p. 147)

Porém, apesar desse grande passo social, deve-se lembrar que ainda há muito a se fazer para que um dia possamos desfrutar de uma convivência respeitosa a todos os cidadãos. E, fazer um 'link' entre a história do povo negro e a educação, significa reverenciar e assumir a história de um povo sofredor, uma vez que este fato sempre fará parte da construção social, histórica, econômica e educacional do nosso país. Segundo (SILVA, apud SILVA, 1997, p.27) considerar na sala de aula os conhecimentos produzidos pelos grupos oprimidos, reafirmar a sua capacidade intelectual, uma vez que a desconsideração desses conhecimentos é uma forma de fazer-lhes crer na sua falta de capacidade intelectual e assumir a postura de consciências dependentes, que embora cause muitos danos, não os mantêm indefinidamente subordinados ao opressor.

Ensinar história e cultura afro brasileira e africana nas escolas, é um processo onde envolve a comunidade a família e a escola, que tem obrigação de divulgar, produzir conhecimento onde as pessoas tenham os mesmos direitos e, possam combater o preconceito e a descriminalização racial, dentro das escolas e, criar diretrizes para que o negro tenha o reconhecimento de uma luta árdua que figura um passo importante para o enfrentamento do racismo.

O racismo está presente em todas as esferas sociais: na família, na comunidade e na escola. Na escola temos muitos alunos que trazem consigo uma rica bagagem cultural com costumes, hábitos e tradições diferentes, aprendidos no convívio familiar. Podemos concluir que cada aluno tem uma história que deve ser valorizada, assim como nossa sociedade é composta de uma diversidade cultural que deve ser respeitada e valorizada. (PRADO, 2005, p. 129)

O silêncio sobre o racismo, o preconceito e a discriminação racial permearam por diversos anos nas instituições educacionais, a lei foi embasada em diversos estudos que comprovaram de maneira excludente, diversos tipos de racismo sofrido no cotidiano escolar.

Professor e alunos devem organizar-se em comunidades de aprendizagem, onde cada um chegue com seus saberes e juntos vão construir novos conhecimentos num processo de trocas constantes, desmistificando situações de racismo, preconceito e discriminação arraigados nos grupos sociais e nas pessoas individualmente. Nesse aprender coletivo, professor e alunos acabam por enriquecer o processo educativo para ambos os sujeitos da aprendizagem. Especialmente quando se trata de racismo, preconceito e discriminação, o investigar e o aprender juntos garantem aprendizagens de melhor qualidade, porque ruídas coletivamente. (LOPES, 2005, p. 189)

A inserção da lei 10.639 vem contribuindo bastante para o combate da ideia de inferioridade onde as leis antirracismo vem sendo respeitado e valorizada. Outro aspecto muito importante pode ser visto no Art. 79-B, (lembrando que o Art. 79-A foi vetado) é a imposição da comemoração do dia 20 de Novembro como o Dia da Consciência Negra, no calendário escolar. Este dia não é apenas um feriado, é um dia especial para que todos lembrem da nossa história e que esteja sempre claro, a força que o povo negro exala.

A temática racial não é algo tão simples, significa lidar com um passado de esquecimento, desconstruir idéias e categorias hierarquizadas no imaginário social, reverter estereótipos e representações inadequadas dos negros, buscando perspectivas antirracistas e construindo novas práticas pedagógicas que promovam a igualdade. (PRADO, 2005, p. 133)

A lei 10.639 ao ser implementada de forma eficaz no currículo, dará uma contribuição significativa no processo de construção da identidade da criança, visto

que inclui a cultura negra que muitas vezes é excluída do currículo escolar e outras vezes é meramente folclorizada.

2.2 O RACISMO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA

A identidade é vista como um reconhecimento que uma pessoa tem da própria imagem o que a torna diferente do outro. Desde a infância a criança já percebe a diferença entre as pessoas. Neste sentido, desde pequenas as crianças já têm uma concepção sobre as diferenças, sendo construídas a partir das suas vivências com os diversos ambientes e grupos de convivências, como a família, a comunidade, a instituição escolar, entre outros, que contribuem para a construção de uma ideia do que é ser branco e do que é ser negro na sociedade (OLIVEIRA, 2004).

Neste contexto, trabalhar as questões raciais na infância é de suma importância para construção da identidade racial. Desde a primeira infância, o negro é apresentado as crianças de forma estereotipada, onde muitas já crescem negando sua própria identidade, sua cor e com sentimento de inferioridade.

Parto da compreensão de que o racismo gera efeitos e necessita ser combatido desde a tenra idade, pois a construção da identidade da criança negra já começa a ser comprometida em grande medida devido a instrumentos e comportamentos pedagógicos por parte dos docentes, que carregam os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituosos que a sociedade demonstra em relação ao negro. (SILVA e RIBEIRA, p. 02).

Embora a construção da identidade esteja associada ao próprio ser, alguns indivíduos manifestam traços hereditários ou inatos o que diferem da especificidade de cada indivíduo. Esses traços estão ligados aos fenótipos e as questões raciais que se dão do convívio com o outro, seja na escola, na família ou em qualquer ambiente social. Para Gomes (2002, p. 39) ressalta que, a ideia que um indivíduo faz de si mesmo, de seu “eu”, é intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros em decorrência de sua ação. Nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros.

A escola é um espaço de interação onde as crianças são influenciadas e recebem múltiplas influências a partir de diversas linguagens que transitam no

cotidiano escolar e muitas vezes fazem parte de um currículo oculto. Dentro de um universo de diversidade onde as crianças fazem descobertas diárias e aprende constantemente a lidar com o novo.

Quando a criança adentra o espaço de educação infantil, traz consigo experiências ricas aprendidas com seus familiares e a comunidade em que vive. Entretanto, é nesse espaço que passa a conviver com outras crianças e adultos até então desconhecidos. Por meio das interações construídas em seu cotidiano, são aprendidas novas situações que, necessariamente, passam a fazer parte de sua vida. Esse aprendizado deve ser por via de uma educação de qualidade que contemple várias dimensões da vida: a educativa, a social e a cultural. Cabe, ainda, a esse espaço de educação cuidar do bem estar da criança, desde sua higiene até de seu emocional. Cuidar e educar nessa etapa da vida são dimensões inseparáveis e fundamentais para o pleno desenvolvimento e realização do ser humano. (TRINIDAD, 2012, p. 120).

Convivendo diariamente com crianças na faixa etária de 6 a 10 anos, percebe-se que a abordagem das questões étnico-raciais não faziam parte do cotidiano dessas crianças. Para algumas crianças o negro é visto como um ser diferente onde as suas preferências por crianças mais claras para participar de seu círculo de amizade e brincadeiras são evidentes.

Na infância as crianças já começam a conhecer seu corpo, as diferenças e semelhanças entre os colegas do grupo, escolhem com quem brincar e se relacionar na escola, tem suas preferências por brinquedos, e, no entanto, é fundamental que o educador trabalhe em sala de aula questões sobre diferença e em especial as relacionadas ao pertencimento racial, não só com as crianças, mas com as famílias e comunidade. (CEERT, 2011 apud ESPIN).

Observando essas crianças passei a enxergar essas atitudes como uma reprodução do círculo que essas crianças mais têm convívio. No seio familiar e no ambiente escolar. Algumas crianças tratavam outras com inferioridade simplesmente por ser negro.

Souza (2016) ressalta que a responsabilidade de reeducar racialmente não é apenas da escola. As famílias têm papel fundamental nesse processo, na medida em que é o lugar que a crianças recebem as primeiras percepções e visões de mundo.

Nesta perspectiva Gomes (2002) assegura que “a educação pode ser entendida como um amplo processo, constituinte da nossa humanização, que se

realiza em diversos espaços sociais: na família, na comunidade, no trabalho, nos movimentos sociais, na escola, dentre outros”.

Neste sentido podemos levar em consideração que tanto a família como a escola são responsáveis pela formação de identidade dessas crianças. Lisauskas (2017), indaga:

Mas agora me diz uma coisa: onde você acha que as crianças aprendem a ser racistas? Com a gente, claro, óbvio, com as mesmas pessoas que as ensinam a comer e a andar. Com as mesmas pessoas que, ao se deparar com um negro bem-vestido no elevador, “estranham” e verbalizam esse “estranhamento” (???) na frente dos filhos. Com as mesmas pessoas que atravessam a rua ao ver um negro bem-vestido ou mal-vestido, *vai quê, né, tem cara de ladrão!* Com os telejornais que sempre tratam o negro como “traficante” e o traficante branco como “adolescente classe média da zona sul”. E com as novelas, que sempre colocam os negros como serviçais.

A construção de valores é parte fundamental na infância, esses aprendizados permearão para o resto da vida do indivíduo, levando o indivíduo a ser um adulto que respeite a diferença e não reproduza comportamento racista.

A educação pode ser entendida como um amplo processo, constituinte da nossa humanização, que se realiza em diversos espaços sociais: na família, na comunidade, no trabalho, nos movimentos sociais, na escola, dentre outros, Gomes, (2002, p. 39) ressalta que a escola é vista, aqui, como um espaço em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas, também, valores, crenças e hábitos, assim como preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade. Daí a relevância de se pensar num currículo escolar que possibilite trabalhar essas questões com evidências necessárias e tendo foco principalmente na irradicação de atitudes que não reconhecem a diferença sem excluí-la

Os primeiros anos na escola são imprescindíveis para formação da criança como pessoa que tem como dever respeitar o próximo independentemente de cor, raça, gênero, ou condição social. Nessa perspectiva Gomes (2002, p. 39) acrescenta que a escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, no interior da escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las.

Assim sendo, deve-se pensar numa proposta pedagógica e numa prática pedagógica que valoriza a diversidade e, sobretudo, na formação continuada dos professores para estarem pedagogicamente preparados para interferir em situações que assim possibilita.

Partido do exposto, considera-se a escola como parte fundamental para a construção identidades do ser humano, tem a obrigação de construir práticas pedagógicas a fim de promover a igualdade racial, proporcionando por meio de leituras uma reflexão acerca da importância do negro na nossa história onde os educadores são instigados a promover práticas de igualdade racial.

2.3 RACISMO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRACISTAS

O educador deve utilizar o ambiente escolar para auxiliar a construção da identidade racial da criança negra. Trabalhar essas temáticas em sala de aula é de vital importância para construção de valores que perpassam a vida adulta.

As aulas ministradas pelos professores estão diretamente ligado a construção de valores e desenvolvimento, da identidade dos negros. É na sala de aula que esses valores são passados e discutidos de maneira com que esses valores perpassem várias etapas importantes na vida dessa criança. A sala de aula é vista como um espaço para compartilhar vários saberes. Nesta perspectiva, Gomes, (2002, p. 39) afirma que:

Quando pensamos a escola como um espaço específico de formação inserida num processo educativo bem mais amplo, encontramos mais do que currículos, disciplinas escolares, regimentos, provas, testes e conteúdo. Deparamo-nos com diferentes olhares que se cruzam, que se chocam e que se encontram. A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, no interior da escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las.

O que acontece, é que, muitas vezes há um conflito entre valores advindos do ambiente familiar, e os provenientes do ambiente escolar. Por exemplo, é sabido que ninguém nasce racista, esta é sim uma prática errônea adquirida ao longo do processo de vivência, cabe aí, então, ao professor, perceber, investigar e junto com

a escola pesquisar que medida possa ser tomada em relação, nesse caso particular, com os pais que distorcem os valores sociais.

Em alguns casos também, a criança pode lançar comentários sem ter a intenção maldosa de ferir e agredir moralmente, mais uma vez, o professor pregando a igualdade, e dentro do contexto, apresentar às crianças que o sorriso de uma, pode ser a lágrima da outra. Precisamos estar atentos que, trabalhar com crianças é uma tarefa árdua, e a abordagem utilizada para com um adulto não deve ser aplicada à uma criança. Por isso esta pesquisa se faz importante, discutir teorias e analisar práticas reais de pessoas que detectaram estes tipos de problema.

Os professores têm que estar preparados para trabalhar as questões raciais em sala de aula e desmistificar a ideia pejorativa com que o negro é visto perante a sociedade, uma tarefa difícil por que muitos professores, já tem o racismo velado. Esse mesmo ambiente que acolhe, também é um ambiente cheio de racismo por parte dos educandos.

Quando a diferença étnica/racial é transformada em deficiência, surgem também justificativas pautadas num “psicologismo” que reduz as implicações históricas, sociais e econômicas que incidem sobre o povo negro a comportamentos individuais: “alunos com dificuldade de aprendizagem”, por exemplo. A ênfase nesse “psicologismo” encobre o caráter excludente da estrutura escolar brasileira, dando margem para que a diferença cultural da aprendizagem seja vista como desvio. Os alunos e as alunas negras, vistos dentro da escola como portadores de “deficiência” ou de “dificuldade de aprendizagem”, fatalmente são rotulados como: “indisciplinados”, “lentos”, “defasados”, “atrasados” (GOMES, 2012, p. 40)

Vale ressaltar que existem vários projetos dentro de sala de aula que vão contra essas práticas anti-raciais para acabar com esses estereótipos. A escola tem vários instrumentos que podem desmistificar essa ideia de inferioridade dentro do ambiente escolar. O uso de jogos pedagógicos, palestras, apropriação de brincadeiras coletivas, entre outros, são esses instrumentos que devem ser usados em sala de aula, para que os alunos tenham consciência do que se é politizado, daquilo que vai fazer parte dele, do que vai fazer ele se sentir representado desde pequeno até a fase adulta, essas práticas fazem com que o aluno crie uma narrativa de si e, saiba interpretar a narrativa histórica do passado e do presente.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Levando em consideração a natureza do objeto de pesquisa e os objetivos a serem alcançados optou-se pela abordagem pesquisa qualitativa. De acordo com Horn e Diez (2005, p.15), a pesquisa qualitativa é o estudo do fato em seu acontecer natural, defendendo uma visão holística, ou seja, que leve em consideração todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas.

A pesquisa qualitativa tem um caráter descobridor, incentivando o pesquisador a pensar e refletir sobre o assunto abordado (BRASIL, 2017, p.6). Neste sentido, para coleta das informações, fez-se uso do diário de campo em que foi anotado os aspectos mais importantes que foram encontrados no processo de investigação para uma futura análise e também foi utilizado máquina fotográfica para registrar alguns momentos que julgou importantes.

Foram escolhidas três escolas da rede pública para facilitar uma possivelmente comparação, e elas foram escolhidas dando prioridade às que ficam mais próximo ao centro da cidade, facilitando assim o deslocamento para a recolha de informações. E somente as escolas municipais foram escolhidas porque num geral, dentro da rede pública, são elas que trabalham com os anos iniciais do ensino fundamental.

Além disso, será feito a análise do projeto pedagógico das escolas, para entender as bases teóricas que alicerçam o referido projeto e compreender com qual o nível de relevância ou destaque as questões raciais são apresentadas no projeto pedagógico e, com isso, conectar essas informações com outras obtidas através de observação e entrevistas para poder fazer análises mais acertadas.

Outro instrumento de coleta de dados foi a observação participante. Ela foi utilizada para examinar a realidade pesquisada em campo porque, através das observações, dos sujeitos de pesquisa obteve-se informações relevantes do processo de ensino e aprendizagem dos professores e alunos, além de permitir relacionar outras informações coletadas com o cotidiano e experiências deles.

A observação foi feita em três etapas:

1. Na primeira semana foi observado o ambiente escolar: Como as questões raciais estavam inseridas no projeto pedagógico; E, como os diferentes atores do cotidiano escolar se comporta diante de um ato racista e o que fazem para conscientizar e previr o racismo.
2. Na segunda semana as crianças com idade entre 6 e 10 anos foram observadas dentro e fora da sala de aula. O foco era captar os tipos de conversa, as brincadeiras, a convivência de várias crianças em grupo e individual e se as crianças apresentavam algum tipo de comportamento racista.
3. Na terceira semana os professores foram observados para entender como suas aulas eram ministradas.

Outro procedimento utilizado, foi a entrevista, que possibilitou conhecer os diferentes pontos de vista sobre o objeto pesquisado, e permitiu ter um diálogo direto com as pessoas envolvidas na pesquisa, (professores, alunos, coordenadora e diretora). Foi pedido uma autorização formal aos pais, com o conhecimento da direção da escola, para que os alunos pudessem ser entrevistados. Essas crianças estão na faixa etária dos 6 a 10 anos de idade. As entrevistas foram realizadas com objetivo de saber se as questões raciais estão sendo trabalhadas na escola em questão e como estão sendo trabalhadas.

Entrevista dos alunos:

1. Você já sofreu algum tipo de racismo na escola?
2. (Se sim) Como foi sua reação?
3. (Se sim) Qual foi a conduta da escola?
4. O que você faria se seu amigo fosse o agressor?
5. Você tem aulas sobre as questões raciais?
6. Você já presenciou algum tipo de racismo?
7. (Se sim) como você reagiu?
8. (Se não) Como você reagiria?
9. Como os seus pais conversam sobre as questões raciais em casa?
10. Você sabe o que é preconceito racial?
11. Qual a diferença entre você e seu colega?

Entrevista com os professores:

1. Qual a sua formação?
2. Qual a relevância de trabalhar as questões raciais em sala de aula?
3. Como você trabalha as questões raciais com crianças que estão em processo de construção de identidade?
4. 4.Você já presenciou algum ato racista?
5. (Se sim) qual foi a sua reação?
6. 5.Como você agiria se visse uma criança sofrendo algum tipo de preconceito?
7. Para você, qual a importância da lei nº 10.639/03?

Entrevista com a direção:

1. A lei 10.639/03 está sendo trabalhada na escola? Como?
2. Qual a conduta da escola diante de uma denúncia de racismo?
3. A escola organiza algumas ações para conscientizar as crianças professores e os outros funcionários sobre o racismo?
4. Como a coordenação tem trabalhado as questões raciais com os professores.

Para análise dos dados será utilizado a análise de conteúdo, partindo da perspectiva de Bardin (1977) e Franco (2008). Perspectiva-se pegar trechos de entrevistas dos professores e estudantes e contrastar com o que foi observado. Sendo levando em consideração de quem é a fala, em qual contexto está sendo colocado essa afirmação e preservar o anonimato de cada participante da pesquisa.

4 ABERTURAS INCONCLUSIVAS

O estudo feito em algumas escolas municipais da cidade de Santo Amaro é um trabalho que está em andamento, mas que necessita de várias outras pesquisas para ser concretizada e, espera-se concluir o mesmo no final da terminalidade escolhida.

No prosseguimento da investigação, mais autores entrarão na discussão, especialmente autores negros, com Abdias de Nascimento, Milton Santos, Kanbengele Munanga, Molefi Kete Asante, Ama Mazama, Renato Nogueira, entre outros. Cabe deixar evidente que esses autores não estão em segundo plano, mas eles são fundamentais para me auxiliar na análise das informações e, por isso, precisam de leituras aprofundadas e melhor apropriação.

Ainda, ressalta-se que já se teve contato e uma aproximação com o *lócus* da pesquisa, que dá para vislumbrar a realidade, mas que não dá para fazer uma análise que permite fazer inferências qualitativas do fenômeno utilizado, aliás, que não é uma exigência para um projeto de pesquisa, mas cita-se para demonstrar o quanto está-se progredindo e possíveis caminhos a serem seguidos.

Um dos possíveis aspectos que possivelmente vai ser trabalhado com mais profundidade é a relação entre currículo e a produção de subjetividades e identidades para tentar elucidar melhor os atos de currículo, especialmente currículo oculto, que podem contribuir para enraizamento ou naturalização do racismo e também para negação de certas identidades e subjetivas, notadamente a negra e tendo o racismo como pano de fundo. E por outro lado entender o que pode ser feito para desconstruir certas práticas tem vista um currículo incluyente, que valoriza a diversidade das formas de ver o mundo.

A respeito da utilização de diversas formas de captar informações no campo, com certeza, poderá aparecer certas dificuldades, especialmente pela resistência de alguns atores curriculares sobre essa temática sob investigação, especialmente no que tange a naturalização ou mesmo desconsideração do racismo.

5 CRONOGRAMA

Atividades	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov
Pesquisa do tema		X							
Pesquisa bibliográfica					X	X	X		
Coleta de Dados (se for o caso)							X		
Apresentação e Discussão dos dados									
Elaboração do trabalho					X	X	X	X	
Entrega do trabalho								X	
								Final	

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Ivone Jesus. **Educação Infantil e Relações Raciais**: possibilidades metodológicas. Revista Eventos Pedagógicos. Desigualdade e Diversidade étnico-racial na educação infantil. 2015. V. 6, n. 4, 2005.
- ALMEIDA, Marco Antônio Bettine de; SANCHEZ, Livia Plzauro. **Implementação da Lei 10.639/2003 – competências, habilidades e pesquisas para a transformação social**. Pro-Posições. São Paulo/SP. Vol 28 n. 1, 2017. Pág. 55-80.
- BRASIL. Ministério de Educação. **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília/DF, 2005.
- _____. Ministério de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília/DF, 2004. Pág. 1-36.
- CASTRO, Adriana Rosicléia Ferreira. ALMEIDA, Josefa Raquel Pereira; FREITAS, Simone Florêncio de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. **Racismo na Escola: O Livro Didático em Discussão**. Rio Grande do Norte/RN, 2005.
- CAVALEIRO, Eliane. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Valores civilizatórios: dimensões históricas para uma educação anti-racista. Brasília: SECAD, 2006. pág. 15-28.
- ESPIN, Luciene Amor. **A importância de trabalhar as questões raciais na Ed. Infantil**. São Paulo, 2016.
- GOMES, Nilma L. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. A identidade continuada. Coleção Particular Ensino Médio. São Paulo/SP, 2006 pág. 81.
- _____. **Movimento Negro e Educação**: Ressignificando e Politizando a Raça. Campinas/SP, 2012. v. 33 pág. 1-18.
- _____. **Educação e Identidade Negra**. Minas Gerais, 2001. pág. 1-10.
- _____. **Educação e Diversidade Cultural**: Refletindo sobre as diferentes presenças na escola. Minas Gerais, 1999. pág. 1-5.
- GUEDES, Elocir; NUNES, Pâmela; ANDRADEL, Tatiane de. **O uso da lei 10.639/03 em sala de aula**. Revista Latino-Americana de História. Santa Amaria/RS. Vol. 2, nº 6. Agosto de 2013. Edição Especial. Pág. 1-10.
- LIMA, Álvaro de; LEMOS, Daniela de. **Indivíduo e Identidade**. Rio Grande do Sul, 2016.
- MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. Brasília/DF, 2005. Pág. 1-204.

LISAUSKAS, Rita. **Quem ensina o racismo às crenças? Nós mesmos, ué.** São Paulo/SP. 28 de Novembro de 2017.

PEREIRA, Amilcar Araújo. **Educação das relações étnico-raciais no Brasil:** Trabalhando com histórias e culturas africanas e afro-brasileiras nas salas de aula. Brasília: Fundação Vale, 2014. Pág. 88.

PRADO, Eliane Mimesse; FÁTIMA, Lilian Elizabete da Silva de. **Os desafios da prática docente na aplicação da lei 10.639/03.** São Paulo/SP, 2016. Pág. 1-5.

SANTOS, Angelita Lopes; TONIOSSO, José Pedro. **Relações étnico-raciais na educação infantil.** Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 3 (1): 1-14, 2016.

SANTOS, Elândia dos; GEBARA, Tânia Aretuza Ambrizi; GONZAGA, Yone Maria. **Relações étnico-raciais, educação infantil e direitos humanos:** alguns apontamentos. Minas Gerais/MG, 2017.

SANTANA, Patrícia Maria de Souza. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais.** Educação Infantil. Brasília: SECAD, 2006. pág. 31-51.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Orientações Curriculares:** Expectativas de Aprendizagem para a Educação Étnico-Racial. Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. São Paulo/SP, 2008.

SILVA, Paulo Vinícius Baptista da; TEIXEIRA, Rozana; PACIFICO, Tânia Mara. **Políticas de promoção de igualdade racial e programas de distribuição de livros didáticos.** Educ. Pesqui., São Paulo, v. 39, n. 1, p. 127-143, jan./mar. 2013.

SILVA, Maria Lúcia da. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasil.** Fome de Tudo (Oxossi). Pleno/DF, 2004. Pág. 227-258.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autentica, 2005. 2 ed. 9ª reimpressão. Pág. 156.

SILVA, Layla Maryzandra Costa; RIBEIRO, Daniela Maroja. **A Ressignificação de uma Pedagogia:** Construção da Identidade da criança negra na educação infantil. Goiás, 2012. Pág. 1-23.

SILVIA, Flávia Carolina da; PALUDO, Karina Inês. **Racismo Implícito:** um olhar para a educação infantil. Parana/PR, 2011. Pág. 1-10.

SOUZA, Luciene. **A importância da Lei 10.639/03 na Educação Infantil.** Artigo. São Paulo/SP, 2016.